

## RESENHA BIBLIOGRÁFICA (\*).

**CARPENTIER (Elisabeth).** — **Une ville devant la peste: Orvieto et la peste noire (1348).** Paris. S.E.V.P.E.N. Coleção "Bibliothèque générale". École Pratique des Hautes Études. VIe. Section. Centre de Recherches Historiques.

Essa monografia tem por fim estudar, num quadro preciso e limitado, as reações apresentadas por uma pequena cidade nos Estados Pontifícios, durante a peste negra de 1348.

Antes da peste Orvieto, que contava cerca de dez a doze mil habitantes, estava às voltas com dificuldades de ordem política e social, mas sobretudo de ordem económica e psicológica que preparam para a epidemia um terreno favorável. A crise de subsistência de 1346-1347 é particularmente grave e deixou a população num estado de fraqueza e de sub-alimentação.

A peste, bubônica sem dúvida, mas sobretudo pulmonar, apareceu em abril de 1348 em Orvieto e durou até setembro. O silêncio dos textos oficiais é quase que completo nesse sentido e prova com tôda a evidência a desorganização total da vida da cidade. Alguns exemplos, colhidos entre grupos muito restritos de funcionários municipais, testemunham uma mortalidade oscilando entre um quarto e a metade dentro das categorias observadas.

Após a epidemia, a cidade tenta um grande esforço de reerguimento, especialmente no domínio económico (fixação de um máximo dos preços desde o outono de 1348, reforma fiscal e económica de 1350), mas não conseguiu sustar os principais fatôres da crise: alta dos preços, enfraquecimento da moeda, abandono das terras, falta de mão-de-obra.

Ao mesmo tempo, os problemas específicos apresentados pela peste continuam presentes durante longos anos. As questões de sucessão, a necessidade de proteger as viúvas e os órfãos, o desejo de atrair a imigração estrangeira, a falta de médicos, as tentativas de luta contra a alteração dos costumes aparecem freqüentemente nos textos municipais. O estudo desses diferentes aspectos mostra a gravidade do choque psicológico sofrido pela cidade que conheceu uma baixa não sómente quantitativa mas qualitativa da população: tendências que se acentuarão no reaparecimento da epidemia na segunda metade do século XIV, especialmente em 1363.

E. S. P.

\*

**GUERIN (Isabelle).** — **La vie rurale en Sologne au XIVe et XVe siècle.** Paris. S.E.V.P.E.N. École Pratique des Hautes Études (VIe Section). Centre de Recherches Historiques. Collection "Les hommes et la terre".

(\*). — Solicita-se dos Srs. autores e editores a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica (Nota da Redação).

Região de madeiras e de pântanos, a Sologne sempre foi pobre sob o ponto de vista agrícola; todavia, foi ela mais povoada e melhor cultivada na Idade Média do que nas épocas de decadência que se seguiram. Esse equilíbrio e essa prosperidade relativa foram gravemente atingidos pelos desastres da Guerra dos Cem Anos, e, no fim do XV século a região não mais se ergueu de suas ruínas.

As relações das propriedades e cadastros dos XIV e XV séculos nos permitem traçar um quadro dos recursos da Sologne e de suas condições de exploração. A terra estava então sobretudo nas mãos dos senhores laicos que tiravam partido da situação, segundo os processos de arrendamento de uso corrente nessa época.

Mas as circunstâncias econômicas, criadas pela guerra, trouxeram subversões sociais e vemos numerosos representantes da feudalidade local serem obrigados a vender os seus feudos a burgueses enriquecidos e recentemente enobrecidos; essas mesmas circunstâncias favoreceram a emancipação dos servos, ainda numerosos na Sologne em pleno século XV e cuja presença, nessa época, testemunha o atraso da região.

E. S. P.

\*

**DA CANAL (Cristoforo). — La marine venitienne avant Lepante.**  
Paris. S.E.V.P.E.N. Coleção "Bibliothèque générale".  
École Pratique des Hautes Études. VIe Section. Centre de Recherches Historiques.

No drama surpreendente, ainda incompletamente explorado, dos primeiros decênios do XVI século veneziano, o período que vai de Prevesa a Lepanto assume um aspecto original e uma autonomia indiscutível. E', na aparência, um momento de repouso na longa existência do Estado lagunar. Mas já, nesse meado do XVI século, as estruturas da República oscilam lentamente, silenciosamente, e se instalam em novas articulações. Grandes linhas políticas, sociais, econômicas, religiosas se esboçam, que serão as dos últimos séculos da história veneziana. Numa França em transformação, Veneza não se renova, mas encontrará a tempo um equilíbrio que se manterá por mais de duzentos anos.

Antes de Lepanto, ninguém em Veneza teve uma consciência nítida dessa evolução. O patriciado opôs uma resistência cega e maciça às tentativas de revisão radical; essa classe sentia instintivamente que tôda mudança poria em jôgo a sua fortuna adquirida com tanto esforço. Ela se recusou, pois, em pensar em têrmos de Estado e assim como de cidade, obstinando-se na crença duma Veneza eterna. Cristoforo Da Canal é uma incarnação exemplar, ao mesmo tempo das melhores energias e dos limites do patriciado da Sereníssima, símbolo da modernização da marinha veneziana, campeão de seu aperfeiçoamento e também o primeiro crítico de suas insuficiências e de suas fraquezas. A luta entre o patrício e as forças da inércia que entravam a modernização, esse contraste con-